

# **A POPULAÇÃO ACTIVA PORTUGUESA SEGUNDO O RECENSEAMENTO DE 1981: UMA ANÁLISE PRELIMINAR**

Ana Bela Nunes

## **INTRODUÇÃO**

A frustração que constituiu a não publicação dos dados definitivos do recenseamento geral da população de 1970, no que respeita à população activa, lança uma curiosidade particular sobre o 12.º recenseamento referente ao ano de 1981 e cuja publicação acaba de ser concluída. Assim, propomo-nos fazer uma primeira análise dos dados, sobre população activa, disponível neste recenseamento. Esta análise enquadra-se em trabalhos mais vastos cujo objectivo é detectar a evolução do valor global e estrutura da população activa portuguesa no período de 1890-1981 com base na construção de séries homogéneas e contínuas. Tal facto permite um breve confronto dos resultados mais gerais do recenseamento em causa com os de anos anteriores.

Do quadro 6.30 do recenseamento geral da população de 1981 reclassificámos na tradicional trilogia sectorial - primário, secundário e terciário - as 79 actividades económicas ali explicitadas, agrupáveis, segundo a classificação referida no volume sobre metodologia, em 10 grupos básicos. Eis o que englobámos em cada um dos três sectores:

- a) Primário:
  - agricultura, silvicultura, caça e pesca.
- b) Secundário:
  - indústrias extractivas;
  - indústrias transformadoras;
  - electricidade, gás e água;
  - construção e obras públicas;
  - transportes, armazenagem e comunicações.
- c) Terciário:
  - comércio por grosso, a retalho, restaurantes e hotéis;
  - bancos e outras instituições financeiras, seguros, operações sobre imóveis e serviços prestados às empresas;
  - serviços prestados à comunidade, serviços sociais e serviços pessoais;
  - actividades mal definidas.

Esta reclassificação apresenta algumas variantes relativamente ao que é tradicional incluir nos três grandes sectores de actividade que vamos utilizar. É o caso da inclusão da «indústria extractiva» e sobretudo dos «transportes,

armazenagem e comunicações» no secundário e não no primário e terciário, respectivamente. A perspectiva tradicional define os três sectores segundo critérios de tipo de actividade (utilização mais ou menos directa de recursos naturais, por exemplo) e de mediação temporal produção-consumo<sup>1</sup>. A perspectiva por nós adoptada enquadra-se no conceito de «moderno crescimento económico» e por isso privilegia critérios de tipo e dimensão da unidade produtiva, grau de concentração da actividade produtiva, ligação às transformações tecnológicas e efeitos sociais<sup>2</sup>.

Quanto aos outros recenseamentos gerais da população<sup>3</sup>, apesar de, naturalmente, o modo de apresentação e os critérios adoptados variarem por vezes consideravelmente, adoptaram-se âmbitos equivalentes aos utilizados na classificação do de 1981.

Para efeitos de análise regional os dados foram colhidos por distritos do Continente e por regiões autónomas; ao todo 20 (18+2) regiões elementares, que correspondem aos vinte volumes publicados com dados.

#### *I — Confronto com outros recenseamentos gerais da população*

A visão global das estruturas por sectores nos oito anos correspondentes aos recenseamentos (ver quadro e gráfico 1) permite fazer as observações e comentários seguintes:

a) O peso do sector primário desce, de forma particularmente sensível entre 1960 e 1981, a favor do secundário, que sobe de forma mais ou menos regular, e do terciário, que sobe em patamares — mantém-se relativamente constante até 1911, à volta dos 17 %, sofre depois um salto, mantendo-se até 1960 com valores próximos dos 24 % e apresenta novo salto em 1981, passando a representar 37 % do total.

b) O ano de 1930 é a excepção ao sentido de evolução acima traçado. Tal facto pode ser visualizado no gráfico 1, onde a estrutura de 1930 é a única a aparecer na metade esquerda e confirmado no quadro 1 por ser a que apresenta um peso do terciário superior ao secundário e em que o peso deste decresce relativamente ao ano anterior. Apesar da ausência de dados relativos aos níveis do produto industrial e da produtividade na década de 20 e 30, nada faria prever este resultado. Por isso admitimos ter cometido algum erro na passagem da classificação original para a nossa rede de leitura. Uma revisão mais cuidada deixou-nos apenas uma dúvida: a hipótese - impossível de verificar dada a inexistência no recenseamento de 1930 de qualquer informação sobre o conteúdo das rubricas ou o critério que presidiu à apresentação dos dados - de a rubrica «criados e criadas», por nós considerada serviços pessoais e por isso incluída no sector terciário, abranger uma parte mais ou menos significativa de trabalhadores agrícolas. Se assim fosse, aumentaria ligeiramente o peso do

<sup>1</sup> Ver *The Conditions of Economic Progress*, de Colin Clark (London, Macmillan & Co., Ltd., 1957, 3rd edition), particularmente o capítulo IX.

<sup>2</sup> Ver *Modern Economic Growth, Rate, Structure and Spread*, por Simon Kuznets (Yale University Press, 1966), e *Economic Growth of Nations — Total Output and Production Structure*, por Simon Kuznets (The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts).

<sup>3</sup> Dos 12 recenseamentos gerais da população já realizados, os referentes a 1864, 1878 e 1920 não apresentam quaisquer dados sobre população activa. Quanto ao de 1970, como já referimos no início, não foram publicados os dados definitivos e as estimativas a 20 % parecem não ser de todo utilizáveis — isto no que respeita à população activa.

primário em detrimento do terciário, mas nada adiantaria em termos do secundário.

c) A evolução detectada em a) é passível de uma periodização graças à aplicação de um método de taxinomia numérica (ver nota 5) e em parte observável no gráfico 1. Um primeiro período vai de 1890 a 1940, outro de 1940 a 1960 e há ainda os anos isolados de 1930 e 1981. O ano de 1940 é um ano de transição, pois a sua estrutura é próxima da de todos os anos dos dois períodos anteriores.

d) Se o salto de 1960 para 1981 foi demasiado brusco para impedir a integração destes dois anos num mesmo período, o sentido e o ritmo de evolução - descida do primário a favor do secundário e sobretudo do terciário - é compatível com as características do moderno crescimento económico. O mesmo não se poderá dizer da evolução até 1960; se o sentido de evolução é o normal, com excepção do ano de 1930, o ritmo é extraordinariamente lento, em certas fases quase estagnante. Se apenas se levasse em linha de conta a variável em causa, haveria fortes razões para duvidar de que Portugal tivesse entrado na época do moderno crescimento económico antes de 1950-1960.

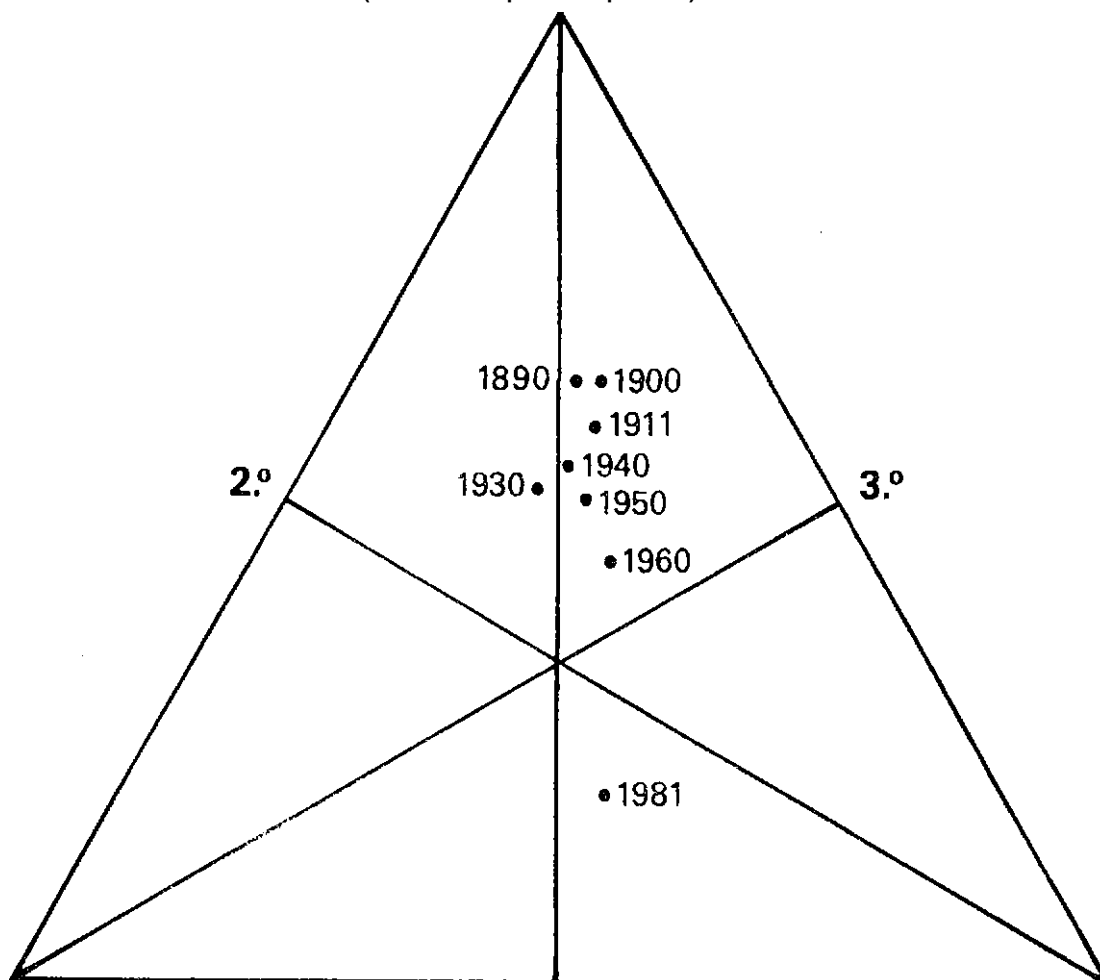
A impossibilidade de obter as estruturas de 1920 e 1970 dificulta sensivelmente a interpretação dos resultados, sobretudo porque os períodos 1911-1930 e 1960-1981 foram conjunturas susceptíveis de alterar a estrutura da população activa, como já se provou terem alterado outras também no domínio sócio-económico. Não se sabe, por exemplo, se a quebra no peso do secundário registada em 1930 não indica já uma recuperação de um nível ainda inferior, a meio do período, no pós-guerra, ou se, no caso do período mais recente, a descida no peso do primário foi mais marcada na década de 60 ou na de 70.

**QUADRO 1**  
**Estrutura da população activa por sectores nos anos dos recenseamentos**  
**e para o conjunto do País**

Anos	Total 10 <sup>3</sup> ind.	Primário		Secundário		Terciário	
		10 <sup>3</sup> ind.	Valor Peso Percen- tagem	10 <sup>3</sup> ind.	Valor Peso Percen- tagem	10 <sup>3</sup> ind.	Valor Peso Percen- tagem
1890	2 531	1 563	62	505	20	463	18
1900	2 457	1 529	62	526	22	402	16
1911	2 545	1 462	57	634	25	449	18
[-]	2 517	1 276	51	551	22	690	27
1930							
1940	2 775	1 461	53	669	24	645	23
1950	3 196	1 569	49	890	28	737	23
1960	3 316	1 445	43	1 081	33	790	24
[...]	3 849	738	19	1 690	44	1 421	37
1981							

**Fonte:** Recenseamentos gerais da população.

**GRÁFICO 1**  
**Estrutura da população activa por sectores nos anos dos recenseamentos e para o**  
**conjunto do País**  
 (Construído a partir do quadro 1)



## II —Análise a nível regional

A análise regional da distribuição da população activa por sectores em 1981 a partir dos dados fornecidos no quadro 2 está implícita e sinteticamente feita no gráfico 2. A mancha de pontos do gráfico, mesmo a olho nu, pode ser decomposta em conjuntos de pontos relativamente próximos, que correspondem a conjuntos de regiões elementares com estruturas relativamente próximas entre si. Cada um desses conjuntos de pontos é uma região homogénea. A utilização de um método de taxinomia numérica adaptado da *c/usteranafysis*<sup>4</sup> e utilizado sobretudo<sup>5</sup> em análise regional permite precisar a observação gráfica e estabelecer o número e composição das regiões homogéneas que se apresentam a seguir<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Ver *Operational Theory and Method in Regional Economics*, por Jean Paelinck e Peter Nijkamp (London, Saxon House, 1975), e «O recurso à taxinomia numérica em análise regional», por A. Simões Lopes, in *Estudos de Economia*, vol. II, n.º 2, Jan.-Abril, 1981.

<sup>5</sup> O método referido é também passível de ser adaptado ao estabelecimento de periodizações — períodos de evolução. Ver «As Finanças Públicas entre as Duas Guerras Mundiais», por Nuno Valério (Lisboa, 1981, policopiado). Este método foi utilizado para detectar as periodizações referidas no ponto I do trabalho.

<sup>6</sup> Estrutura média ponderada pelo peso de cada região elementar no total da população activa da região homogénea.

Região com maior peso do sector primário (47 27 26):

- |              |                    |            |
|--------------|--------------------|------------|
| 2. Beja.     | 12. Portalegre.    | 18. Viseu. |
| 4. Bragança. | 16. Viana Castelo. |            |
| 9. Guarda.   | 17. Vila Real.     |            |

Região de estrutura média (27 39 34):

- |                    |               |             |
|--------------------|---------------|-------------|
| 5. Castelo Branco. | 8. Faro.      | 19. Açores. |
| 6. Coimbra.        | 10. Leiria.   | 20. Madeira |
| 7. Évora.          | 14. Santarém. |             |

Região com maior peso do secundário (12 56 32):

- |            |              |
|------------|--------------|
| I. Aveiro. | 13. Porto.   |
| 3. Braga.  | 15. Setúbal. |

Região com maior peso do terciário (4 41 55):

- II. Lisboa.

Façamos alguns comentários:

a) Existe um equilíbrio entre o secundário e o terciário, salvo na penúltima região homogénea, em que há um desequilíbrio a favor do secundário, e na última, em que o desequilíbrio favorece o terciário.

b) O distrito de Lisboa apresenta um peso do secundário idêntico ao das regiões elementares médias.

c) Numa panorâmica geográfica, o conjunto composto pelas regiões elementares com maior peso do primário situa-se no norte do continente, com excepção de Beja e Portalegre, o conjunto intermédio, no centro e sul do Continente e nas ilhas, e as regiões de maior peso do secundário ou terciário, no litoral do continente, polarizadas por Lisboa a sul e pelo Porto a norte.

QUADRO 2

**Estrutura da população activa por sectores de actividade e por regiões**

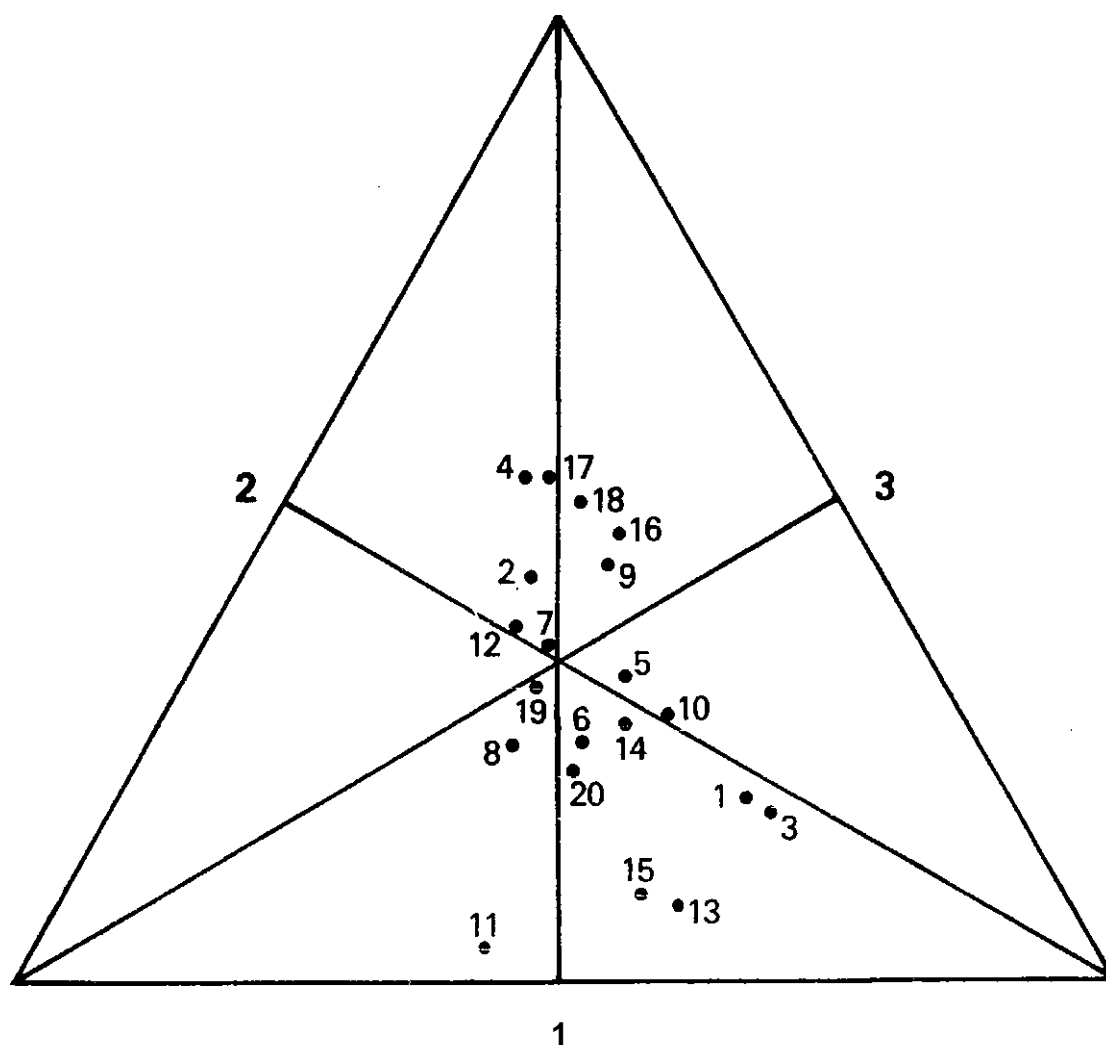
Regiões	Total	Primário		Secundário		Terciário	
		Peso		Peso		Peso	
		Valor		Valor		Valor	
	10 <sup>3</sup> ind.	10 <sup>3</sup> ind.	Percentagem	10 <sup>3</sup> ind.	Percentagem	10 <sup>3</sup> ind.	Percentagem
Aveiro	259	50	19	146	57	63	24
Beja	62	26	42	16	26	20	32
Braga	276	51	18	162	59	63	23
Bragança	58	30	52	13	22	15	26
Castelo Branco	82	26	32	33	40	23	28
Coimbra	165	41	25	64	39	60	36
Évora	70	24	34	22	32	24	34
Faro	120	30	25	39	33	51	42
Guarda	72	31	43	24	33	17	24
Leiria	162	44	27	74	46	44	27
Lisboa	894	37	4	362	41	495	55
Portalegre	50	18	36	14	28	18	36
Porto	635	48	8	357	56	230	36
Santarém	170	45	27	72	42	53	31
Setúbal	262	24	9	136	52	102	39
Viana do Castelo	98	45	46	31	32	22	22
Vila Real	88	46	52	20	23	22	25
Viseu	154	77	50	42	27	35	23
Açores	78	24	31	25	32	29	37
Madeira	91	20	22	36	40	35	38

**Fonte:** Recenseamento geral da população de 1981.

GRÁFICO 2

Estrutura da população activa por sectores de actividade e por regiões

(Construído a partir do quadro 2)



### Conclusões

Em síntese, parece ser possível extrair as seguintes conclusões gerais:

1.<sup>a</sup> O recenseamento de 1981 testemunha uma mudança de estrutura da população activa em relação a 1960 como nenhum outro recenseamento testemunha para um período de duração semelhante - aceleração das transformações da sociedade portuguesa?

2.<sup>a</sup> O recenseamento de 1981 testemunha um perfil regional da estrutura da população activa assente em duas regiões, polarizadas uma por Lisboa outra pelo Porto. A primeira tem predomínio do terciário no centro e uma periferia

heterogénea: distritos em que o secundário tem maior peso (Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Santarém e Setúbal); um distrito em que o terciário é dominante (Faro); um distrito fortemente primário (Beja); e distritos com igual peso do primário e terciário (Évora e Portalegre). A segunda tem predomínio do secundário no centro (Aveiro, Braga e Porto) e do primário na periferia (Bragança, Guarda, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu). As regiões autónomas dos Açores e da Madeira incluem-se aparentemente na primeira.